

A INVENÇÃO DO COTIDIANO EM PELOTAS: OS CONTRA-USOS DO MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL

JOANNA MUNHOZ SEVAIO¹; JESSICA BORGES LEMOS²; WILLIAM HÉCTOR GÓMEZ SOTO³

¹Universidade Federal de Pelotas – jmsevaio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jborgeslemos@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – william.hector@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta breve tessitura de ideais tem como mote a contraposição entre a cidade regulada pelo mercado e a cidade-praticada (CERTEAU, 2007) pelas pessoas. A sociabilidade cotidiana dos sujeitos insere-se, nesse sentido, em dinâmicas de inventividade, que colocam o uso do espaço no domínio das práticas que dão sentido à experiência urbana.

A investigação sobre o urbano aqui proposta parte do agir cotidiano dos “praticantes ordinários da cidade” (CERTEAU, 2007, p. 171), que não é homogêneo e que, portanto, não pode ser diagnosticado estatisticamente. Assim sendo, o enfoque deste texto são os usos que os sujeitos fazem dos espaços urbanos que ocupam. Do ponto de vista empírico, o Mercado Público de Pelotas ganha destaque nas dinâmicas urbanas por se tratar de um lugar de grande circulação de pessoas, cada qual carregando narrativas e experiências às quais se pretende ter acesso.

Tendo por base o cruzamento entre a bibliografia indicada no âmbito do Projeto de pesquisa “Sociologia e História em Henri Lefebvre” - cuja proposta é articular o pensamento de Lefebvre e de outros autores afins na observação da cidade de Pelotas - e a curiosidade intelectual da autora, foi realizada uma série de observações de dois eventos que acontecem no Mercado Público durante o final de semana: o samba e a “sexta black”. As observações foram seguidas de entrevistas abertas com interlocutores que frequentam assiduamente tanto um quanto o outro evento do Mercado.

A abordagem de Lefebvre sobre a cidade converge no conceito de direito à cidade, que envolve a vivência urbana plena pelos sujeitos, que se constituem como protagonistas de seus espaços na e da cidade. Nesse sentido, Leite (2007) sugere que a noção de lugar opera no sentido de construir pertencimento ao adentrar nos detalhes e singularidades do agir urbano cotidiano e compartilhado, ao que se associa o espaço público enquanto categoria sociológica.

No entanto, compreende-se que as transformações verificadas na configuração dos espaços públicos aponta para aquilo que se pode chamar cidade-mercadoria (HARVEY, 1992; LEITE, 2007), ou seja: quando a cidade assume a lógica engendrada pelo mercado, excluindo sujeitos e fragmentando a experiência urbana. O Mercado Público de Pelotas não esteve imune a esse processo. A análise feita por Xavier (2016) sobre a última revitalização demonstra que houve um acréscimo de controle sobre a disposição das mercadorias, bem como pode ser observada a quase ausência de gêneros alimentícios *in natura*, o que, de certa forma, assemelha o Mercado a um *shopping center*.

No sentido contrário, a análise das formas cotidianas com que as pessoas encaram sua relação com o espaço remete à apropriação política dos lugares e da cidade. Admite-se que, então, que as práticas do cotidiano ressaltam a vivacidade do que se entende por cidade, evidenciando seus movimentos, suas

trocas e a inventividade dos sujeitos que a praticam. Dessa forma, volta-se à capacidade analítica e pragmática da noção de direito à cidade para o entendimento das dinâmicas que acontecem no espaço urbano. Ancorado a isso, as disputas práticas e simbólicas sobre o uso da cidade constituem o que Leite (2007) chamou de contra-usos da cidade, constituindo, dessa forma, o cotidiano como palco central das reivindicações pelo direito de pertencer à cidade.

2. METODOLOGIA

No campo metodológico, a preocupação central deste trabalho foi construir uma análise sociológica fundamentada no vivencial. Para tanto, faz-se necessária uma postura científica de cunho qualitativo. Minayo (2008) destaca que os instrumentos de trabalho de campo na pesquisa qualitativa permitem uma mediação entre o marco teórico-metodológico e a realidade empírica.

Dispondo tão somente de uma caderneta e de um gravador, a investigação aqui exposta baseou-se em observações do tipo flutuante e, posteriormente, em entrevistas abertas, ou de profundidade. Nesse tipo de exercício científico com um quê etnográfico, expressa-se “(...) uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação” (PEIRANO, 2008, p. 4).

As observações flutuantes, nas quais não há contato com interlocutores específicos, têm acontecido com alguma frequência desde o segundo semestre do ano de 2017. Além disso, a partir do mês de maio do presente ano, foram entrevistados oito dos frequentadores mais assíduos da “sexta black” e do “samba no mercado”, quatro deste evento e quatro daquele. Ainda de acordo com o Minayo (2008), as entrevistas são técnicas usualmente utilizadas em pesquisa qualitativas com o intuito de mapear as concepções de mundo dos respondentes. No caso específico deste trabalho, as entrevistas têm por objetivo as compreensões de cidade que os sujeitos carregam em suas experiências. Posto isso, alguns dos resultados de tais observações e entrevistas serão discutidas a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para além do aço e do concreto que constituem a arquitetura monumental do Mercado, tem-se neste trabalho a intenção de revelar algumas das “multiformes, resistentes, astuciosas e teimosas” (CERTEAU, 1994, p. 175) formas de conceber e praticar a cidade.

Desde meados de 2015, a monotonia dos corredores do Mercado Público de Pelotas perde espaço. A música ambiente é substituída pelas potentes batidas da música “charme” nos finais das tardes de sexta. Já nos sábados, a sonoridade do samba preenche de energia os pátios e o entorno do Mercado. Desse modo, as interações dos sujeitos com o espaço ganha elementos diversos, histórias, narrativas, cores e corpos.

Nas sextas-feiras, a música *black* atrai um público que não vai rotineiramente ao Mercado em outros dias. Os entrevistados foram perguntados sobre os motivos pelos quais frequentam o Mercado nesse evento, ao que um deles respondeu: “Quando olho para os lados me reconheço nas pessoas que vejo. Geralmente não é assim em muitos lugares”. Outro entrevistado disse: “Acho massa um lugar assim, meio ao ar livre...de graça, com música.” No movimento do baile, constrói-se uma outra Pelotas. Durante a semana, conforme

observado, as pessoas não costumam permanecer no Mercado por longos períodos. Ao contrário, quando a música entra em cena aparece um fio condutor de experiências coletivas, de pertencimento, de trocas, do espaço urbano vivido.

As observações do Mercado durante o samba que acontece nos sábados traz elementos semelhantes. Se no seu funcionamento “normal”, os corredores e pátios do Mercado denotam uma certa sociabilidade contida, limitada a trâmites comerciais regulados pelo mercado, o samba transforma tudo. A sonoridade que ecoa naquele espaço dá uma certa vitalidade às relações que ali acontecem, como se um fluxo dos corpos, copos e vozes preenchesse o Mercado, logo, a cidade de alegria, de coletividade e de experiências significativas.

O agir cotidiano que incide no espaço assume, dessa forma, um papel decisivo naquilo que é percebido como cidade. Dessa maneira, o direito de estabelecer relações de pertencimento à cidade, e de atribuir sentido à experiência vai sendo costurado à medida em que é possível observar outras possibilidades do tecer urbano: mais criativo e de potencialidades diversas. No Mercado, é possível visualizar múltiplos processos significantes de conceber e praticar a cidade, à medida em que existem “(...) disputas práticas e simbólicas sobre o direito de estar na cidade, de ocupar seus espaços, de traçar itinerários, de pertencer.” (LEITE, 2007, p. 24)

As falas dos entrevistados convergem em muitos sentidos, de forma a estabelecer conexões entre suas idas ao Mercado, configurando o uso do espaço urbano em seus próprios, ou como propõe Agier (2015), esse é um exercício de fazer-cidade. As oito entrevistas foram todas abertas, abrindo para os próprios respondentes um leque de consideração que correspondesse às suas experiências no Mercado. Desse modo, o questionamento norteador das entrevistas tratou dos motivos pelos quais os interlocutores frequentam o Mercado nas sextas, ou nos sábados, e também se costumam frequentar esse mesmo espaço em outras ocasiões. Um dos entrevistados, que esteve presente em todas as observações do “samba no Mercado” disse que “Onde o samba estiver eu vou, é por isso que venho ao Mercado. Nos outros dias só passo por aqui, por que acho as coisas muito caras...prefiro comprar na vila.” Por sua vez, outro entrevistado falou que “O samba e a música são a minha vida...gosto de vir ao Mercado porque minha família toda pode vir junto”. Na mesma lógica, outra entrevistada responde da seguinte maneira: “Eu venho todas as sextas porque posso sair do trabalho e já ficar no centro. É aqui onde posso encontrar minhas amigas, dançar, me divertir. É estranho porque quando passo por aqui nos outros dias é muito diferente.”

Os testemunhos aqui expostos enfatizam que “(...) o fazer-cidade é uma declinação pragmática, aqui e agora, do direito à cidade, sua instauração.” (AGIER, 2015, p. 491), estabelecendo-se como tática de demarcação do direito de estar e de pertencer à cidade.

Henri Lefebvre (2001) diagnostica que na lógica capitalista de produzir cidade prepondera a imposição de uma forma quantificada de experiência urbana, na qual os sujeitos encontram-se apartados de si e da realidade circundante. O quadro analítico das vivências citadinas elaborado por David Harvey (2009, 2012) é complementar a isso, evidenciando o uso dos espaços urbanos sob uma ótica puramente comercial. Em contraposição à cidade-mercado, existe uma cidade praticada por pessoas, que estabelecem relações significativas com os lugares que ocupam. Nesse sentido, o exercício de reivindicar a cidade como direito passa por muitas nuances, sobretudo de resistência política, e de imposição dos modos de ser e de existir das pessoas no âmbito das práticas urbanas.

No horizonte da arena política das reivindicações pela cidade, existem, portanto, possibilidades de inventar saídas, de tratar o uso do espaço público

como palco criativo de um agir coletivo. A noção aqui defendida no que tange aos eventos “sexta black” e do “samba no Mercado” diz respeito justamente a isso.

Com efeito, verifica-se no suceder cotidiano das práticas dos sujeitos na cidade de Pelotas, sobretudo no Mercado Público, aquilo que pode se chamar de contra-uso (LEITE, 2007), ou seja: usos dos espaços urbanos que os configuram como espaços públicos, dotados de sentido coletivo e compartilhado, como contraponto às vivências fragmentadas e meramente utilitárias da cidade.

4. CONCLUSÕES

Mais do que conclusões, a investigação exposta neste trabalho apresenta possibilidades analíticas sobre a cidade, dando ênfase ao ponto de vista dos próprios sujeitos que no cotidiano inventam e re-inventam suas práticas e relações com o espaço urbano. Tanto as observações quanto as falas dos entrevistados ressaltam os elementos que a música pode forjar nas experiências urbanas, dessa maneira enfatizando as narrativas que entrecruzadas formam o todo que é a cidade-praticada.

Assim sendo, destaca-se que as reivindicações pelo direito à cidade irrompem nas dinâmicas próprias com as quais os sujeitos usam e ocupam os espaços urbanos, colocando em exercício o protagonismo das pessoas e de suas maneiras de usar e de inventar a cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18497>. Acesso em: 22/08/18
- _____. A liberdade da cidade. **Espaço e Tempo**. São Paulo, nº 26, pp. 09-17, 2009. Disponível em: www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/.../Geousp26/09-18-HARVEY,David.pdf. Acesso em: 24/08/18
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Contexto: São Paulo, 2001.
- LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea. 2ª ed. Editora da Unicamp: Campinas/SP; Editora da UFS: Acaracaju/SE, 2007.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf> . Acesso em: 24/08/18
- XAVIER, Ana Estela Vaz. A revitalização do Mercado Público de Pelotas e sua resignificação social. **RELACult** – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. (online) v. 02, ed. especial, dezembro, 2016, p. 72-89. Disponível em: <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/355/186>>. Acesso em: 22/08/2018